COMO EM CIMA, NÃO EM BAIXO

COMO EM CIMA, NÃO EM BAIXO

A verdade nunca esteve enterrada

Um Romance

SERGIO GUINCHO

Como em Cima, Não em Baixo
Copyright © 2026 Sergio Guincho
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos são fruto da imaginação do autor, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com acontecimentos reais é pura coincidência.

Capítulo 1: A Emissão

Lisboa, 23h48.

Henrique Salgado de Mendonça tinha feito novecentos milhões de euros a ter razão sobre as coisas antes dos outros, e naquela noite não conseguia lembrar-se da última vez que se enganara em alguma coisa. Era uma sensação miserável.

Estava de pé à janela do seu *penthouse* no Chiado, com um copo de água a que não tocara, a ver as luzes do cacilheiro deslizarem sobre o rio negro. Atrás de si, o apartamento era silencioso e perfeito, e custava por mês mais do que a maioria das famílias ganhava numa década. Um decorador escolhera cada objeto que ali havia. Ele não saberia dizer, de olhos fechados, de que cor era o sofá.

O pai morrera havia onze meses. Henrique esperara sentir algo enorme. O que viera, em vez disso, fora um silêncio cinzento e baço, como se alguém tivesse baixado o volume da sua vida e se tivesse esquecido de o voltar a subir.

Na parede, a televisão murmurava para si própria. Deixara-a ligada pela companhia de uma voz humana. Era um noticiário internacional tardio, daqueles que preenchem as horas entre as notícias sérias e o sono do mundo.

"...e num desenvolvimento que deixou a comunidade científica atónita", disse a pivô, uma mulher de rosto cuidado e cansado, "dois investigadores italianos anunciaram os resultados de um levantamento imagiológico de longa duração do planalto de Gizé, no Egito."

Henrique virou a cabeça.

"O Dr. Ettore Brancati, químico, e a Dra. Livia Marchetti, especialista em radar, afirmam que os seus dados revelam várias estruturas enormes e altamente regulares enterradas muito abaixo das pirâmides. Segundo um

comunicado divulgado esta noite, as leituras indicam poços, câmaras e aquilo a que descrevem como uma vasta espiral que desce a mais de seiscentos metros de profundidade."

O ecrã passou a um gráfico granulado: um corte através da terra, as três pirâmides familiares assentes no topo como blocos de brincar e, por baixo delas, finos como traços de lápis, um padrão de tubos retos e curvas que nunca ninguém desenhara em mapa algum.

Henrique pousou o copo.

"A Dra. Marchetti sublinhou que as conclusões são preliminares e não foram verificadas de forma independente. As autoridades egípcias ainda não fizeram comentários. Está connosco agora..."

Deixou de ouvir. Olhava para o gráfico.

Era um hábito treinado, a coisa que o tornara rico. Os outros olhavam para um gráfico e viam uma forma. Henrique olhava para um gráfico e via um *mecanismo*: o sítio onde as linhas corriam limpas demais, onde um padrão se repetia quando o acaso dizia que não devia. Os bancos tinham-lhe pago por esse hábito. Um regulador chamara-lhe uma vez «antinatural».

Os tubos não eram aleatórios. Oito, dispostos em anel à volta de um eixo central, tão uniformemente como os raios de uma roda. E em torno do eixo, desenhada em ténue pontilhado cinzento, a espiral rodava, rodava e rodava.

"Isto não é geologia", disse em voz alta, para a sala vazia.

A sua própria voz soou-lhe estranha. Era a primeira coisa que dizia em voz alta em dois dias.

A última vez que dissera algo em voz alta, percebeu, fora a um advogado, sobre a herança. Antes disso, ao pai, num quarto de hospital que cheirava a desinfetante de limão, na hora cinzenta antes de a respiração do velho mudar.

Eduardo Salgado de Mendonça fora um homem pequeno, severo e exato, que usava colete ao pequeno-almoço e acreditava que um cavalheiro se reconhecia pela forma como tratava um problema que não compreendia. *Devagar,* costumava dizer. *Com respeito. E com um lápis.* Quando Henrique tinha oito anos, o pai pusera-lhe à frente, na mesa de jantar, um relógio de bolso avariado, entregara-lhe um lápis e uma folha

de papel e voltara ao jornal. *Desenha o que está lá dentro,* dissera, *antes de abrires. Depois abre, e vê como estavas enganado.* Henrique estivera enganado em quase tudo. Fora a tarde mais feliz da sua infância.

Construíra uma fortuna com aquele lápis. E agora o homem que lho entregara era um nome numa pedra em Sintra, a casa na colina estava fechada, e Henrique estava numa caixa de vidro sobre o rio, sem nada para desenhar e sem ninguém diante de quem se enganar.

Pegou no telemóvel e pesquisou os investigadores. O primeiro resultado foi a página da própria emissora, com o clipe que acabara de ver. Tocou-lhe. O vídeo carregou e começou a passar. Pausou-o no gráfico e, quase sem pensar, fez uma captura de ecrã. Depois viu a pivô dizer as mesmas palavras outra vez, e uma terceira, inclinando-se para a frente, até ver aquilo que lhe escapara.

Mesmo antes de o gráfico aparecer, a pivô baixou os olhos. A mão de um produtor, desfocada na margem do plano, deslizou uma folha de papel pela secretária. Ela leu-a. Durante meio segundo, o seu rosto cuidado mudou.

"Acabámos de ser informados", disse, "de que estamos... de que a cobertura desta história será..."

Calou-se. Olhou diretamente para a câmara.

"Peço desculpa. Voltaremos a este assunto."

A imagem passou para um mapa meteorológico.

Henrique ficou muito quieto. Há muito tempo, o pai dissera-lhe, no seu jeito seco de dizer todas as verdades que importavam, que se podia avaliar o tamanho de um segredo pela rapidez com que a sala se calava. Ele não compreendera então.

Compreendia agora.

Abriu o clipe outra vez. Tinha desaparecido. No seu lugar, uma caixa cinzenta e, na caixa, quatro palavras: *Este vídeo não está disponível.*

Pesquisou os investigadores. A primeira página de resultados estivera cheia de ligações um minuto antes. Enquanto olhava, começaram a rarear, uma a uma, como luzes a apagarem-se ao longo de uma rua.

Henrique pousou o telemóvel, com o ecrã para baixo, no balcão de mármore. O cinzento no seu peito, o silêncio baço de onze meses, não se

levantara. Mas algo pequeno e duro movera-se por baixo dele, como uma pedra a deslocar-se sob um lago gelado.

Era a primeira coisa que sentia em muito, muito tempo, e não era dor.

Era curiosidade.

Na televisão, o mapa meteorológico sorria o seu sorriso vazio e alegre. Para lá da janela, o cacilheiro chegou à margem oposta, e as luzes da cidade continuaram acesas exatamente como na noite anterior, como se nada no mundo tivesse sido movido.

De manhã, a história já não existiria.

Capítulo 2: O Silêncio

Às nove da manhã seguinte, Henrique já tinha percorrido onze sites de notícias, quatro arquivos e dois fóruns especializados em mistérios antigos e, na sua experiência, em mentiras. A história não estava em nenhum.

Não removida. Era isso que o inquietava. As coisas removidas deixam buracos, e os buracos podem ser medidos. Isto era mais limpo. Era como se a emissão tivesse sido escrita na água.

"Não dormiu", disse Rui.

Rui Carvalho estava à porta do escritório com um tabuleiro de cafés. Tinha cinquenta e cinco anos, era largo como um frigorífico, com um rosto que a vida partira e recompusera em vários sítios e uma gentileza que surpreendia quem o conhecesse pela ordem errada. Conduzira o pai de Henrique durante dezanove anos. Quando o velho morreu, limitara-se a começar a conduzir o filho, sem discussão, como quem herda um banco de igreja.

"Dormi", disse Henrique.

"Senhor, traz vestida a camisa de ontem e há um ecrã na parede que está ligado desde que saí, à meia-noite." Rui pousou o tabuleiro. "Não o digo como crítica. Digo-o como um homem que é pago para reparar."

"Olha para isto."

Rui olhou. Henrique colara o gráfico, que capturara antes de desaparecer, no ecrã de parede e desenhara por cima, a linhas vermelhas finas. Oito poços. Um eixo central. Uma espiral.

"É muito bonito", disse Rui, com cuidado.

"É uma mentira, Rui. Ou é a coisa mais verdadeira que vi na vida. Não consigo decidir qual."

"O que é?"

"Dois cientistas em Itália dizem que há uma estrutura debaixo de Gizé. Debaixo das pirâmides. Mais fundo do que alguém alguma vez escavou." Henrique passou a mão pelo cabelo. "Ontem à noite estava na televisão internacional. Esta manhã não existe. Nem um desmentido. Nem uma correção. Nada. Como se nunca tivesse acontecido."

"Talvez estivessem errados, e as notícias tenham vergonha."

"As notícias nunca têm vergonha. *Adoram* estar erradas; estar errado é metade do negócio." Bateu na parede com o dedo. "Quando alguém quer que uma história desapareça, telefona às pessoas que são donas da história. Isso exige um tipo de telefonema muito particular. Esses telefonemas deixam uma forma."

"E o senhor consegue ver a forma?"

"Não", disse Henrique. "Consigo ver onde ela não está."

Rui olhou para ele durante um longo momento, com a expressão de um homem a decidir se o patrão estava a ter um episódio. Depois serviu dois cafés, entregou um e sentou-se na poltrona de couro, que se queixou.

"Diga-me o que quer."

"Quero os dados. Os ficheiros reais da varredura. Os italianos devem ter publicado um resumo técnico nalgum lado antes da emissão. Uma pré-publicação, um repositório, um anexo de e-mail. Se existiu durante uma hora, alguém guardou uma cópia."

"E se ninguém guardou?"

"Então quero saber quem se certificou de que ninguém guardava."

Enquanto as chamadas se faziam, Rui ficou à janela de costas para a sala, e Henrique, ao observá-lo, percebeu que nunca lhe fizera uma única pergunta sobre ele próprio.

"Foi polícia", disse.

"Onze anos. Em Faro. Depois o seu pai." Rui não se virou. "Saí depois do caso do armazém."

"Que caso?"

"Havia um homem", disse Rui devagar, "que era dono de um armazém junto às docas e de muitos amigos na câmara municipal. Havia raparigas no armazém. Não muitas. Quatro. Eram muito novas e não falavam português. Escrevi um relatório. O meu capitão pô-lo numa

gaveta. Escrevi outro. Foi para a mesma gaveta." Levantou um ombro enorme. "Então fui num domingo, sozinho, e abri a porta."

"E depois?"

"E depois fui suspenso. E as raparigas voltaram para casa. E uma semana mais tarde o seu pai, que eu nunca tinha conhecido, mandou um carro à minha porta e uma carta em papel muito bom. Dizia que tinha lido sobre um polícia a quem não se podia mandar deixar uma porta fechada, e que por acaso precisava de um homem que não deixasse fechada a sua."

Henrique não disse nada.

"Era um homem duro, o seu pai. Mas era justo. Não me esqueci de quem mandou o carro." Rui virou-se, por fim. O seu rosto partido estava perfeitamente calmo. "Por isso, quando o filho desse homem está de pé diante de uma parede às nove da manhã, a desenhar linhas numa televisão que foi mandada mentir, eu não lhe pergunto se está a ter um episódio, Senhor. Pergunto-lhe para onde vamos."

"Ainda não decidi."

"Então eu faço as malas para toda a parte."

Foram precisos quatro telefonemas e uma transferência bancária para uma investigadora em Zurique que ele apoiara, noutros tempos, numa *start-up* em dificuldades. Tinha trinta e um anos, era brilhante e perpetuamente mal paga, e atendeu ao segundo toque, com a voz seca e desconfiada de quem também tivera uma manhã muito estranha.

"Tenho-o", disse ela. "Não perguntes como. Extraí os dados do servidor institucional dos italianos quarenta minutos antes da emissão. Recebo alertas de certos grupos de radar. É um passatempo."

"O que encontraste?"

"Encontrei um ficheiro muito grande e encontrei uma coisa que não me sinto à vontade para descrever nesta linha." Uma pausa. "Vou enviar-to. Pelo canal que usámos na auditoria de Singapura. Apaga a mensagem depois de a leres."

"Porquê?"

"Porque há noventa minutos alguém que não conheço tentou entrar no meu e-mail a partir de um endereço em Maryland."

Henrique não disse nada.

"Não estou a dizer que esteja relacionado", disse a investigadora.

"Não."

"Estou a dizer que mudei todas as palavras-passe e vou para casa da minha irmã, em Basileia."

O ficheiro chegou às 10h52. Eram quatrocentos megabytes de tomografia de radar comprimida e, com eles, uma única linha de texto.

Sr. Mendonça. O que quer que faça com isto, eu nunca o enviei.

Abriu-o na secretária. Rui, atrás dele, não falou. O escritório encheu-se do clique suave das teclas e do zumbido das ventoinhas.

Henrique levou uma hora a vê-lo como devia ser. As imagens da emissão tinham sido uma caricatura, uma simplificação para o público. Os dados em bruto eram vastos, estranhos e belos. Os poços não eram traços de lápis. Tinham três metros de largura, perfeitamente circulares, descendo através do calcário com uma precisão que nenhuma broca moderna igualaria. A espiral não era um caminho. Era uma *estrutura*, uma hélice amplíssima de câmaras e patamares, que descia até uma sala no fundo cujas dimensões ele teve de conferir três vezes.

"Rui."

"Senhor?"

"Esta sala tem o tamanho de uma catedral."

"Eu gostaria", disse Rui, "de estar num sítio com menos catedrais."

Henrique riu-se. Surpreendeu os dois. Esfregou os olhos e recostou-se, e pela primeira vez olhou para a última página do relatório, um breve resumo que os italianos tinham escrito num inglês científico cuidadoso e cheio de reservas. Terminava com um parágrafo num tom diferente, como se o autor não se tivesse conseguido conter.

Gostaríamos de assinalar, sem tirar conclusões, que as dimensões da estrutura descendente não são estáticas. A comparação das nossas duas passagens de levantamento, separadas por onze semanas, sugere que a espiral se prolongou cerca de onze centímetros.

Leu-o duas vezes.

"Um buraco que está a crescer", disse.

"Senhor?"

"Debaixo das pirâmides. Alguma coisa está a ser *construída*, Rui. Agora mesmo. Enquanto estamos aqui sentados a beber café."

O telefone na secretária acendeu-se. Não o dele; o telemóvel descartável da investigadora de Zurique, que ela lhe enviara por estafeta duas horas antes, por precaução. Uma mensagem, três palavras.

Encontraram-me.

A linha ficou muda antes de ele poder responder.

Capítulo 3: A Espiral

À terceira noite, Henrique já não conseguia explicar-se.

Não saíra do apartamento. Comia o que Rui trazia, dormia aos bocados, de forma interrompida, no sofá de couro que continuava a não saber descrever, e passava o resto do tempo dentro dos dados. Construíra um pequeno modelo em três ecrãs: os poços, a espiral, a grande sala no fundo. Quando fechava os olhos, via-a a rodar.

A investigadora de Zurique não respondera. O e-mail dela devolvia um erro. Quando ligou para a casa da irmã em Basileia, uma voz de homem disse-lhe em alemão que ela nunca chegara. Ficara muito quieto, com o telefone na mão, e depois, em silêncio, apagara todas as mensagens que ela alguma vez lhe enviara.

Não contou a Rui. Rui, suspeitava, sabia.

Na quarta manhã, Rui trouxe-lhe um jornal.

"Página nove", disse. "Por baixo do futebol."

Era uma pequena notícia, seis linhas, de uma agência. *O Ministério egípcio das Antiguidades anuncia o encerramento temporário do planalto de Gizé a visitantes não acreditados, invocando um levantamento estrutural. Data de reabertura não especificada.*

"Aí está", disse Henrique. "Essa é a forma."

"Um encerramento não é uma conspiração, Senhor."

"Um encerramento dias depois de uma emissão apagada? Rui. Pense." Rodou na cadeira. "Quando um governo quer travar um rumor, faz o contrário. Convida os jornalistas a entrar, faz uma conferência de imprensa, diz *venham ver, aqui não há nada.* Não fecha a porta. Uma porta fechada é uma pergunta. Decidiram que preferem ter uma pergunta a ter uma resposta."

"Talvez saibam alguma coisa que não querem que se saiba."

"Ou sabem *tudo* e têm medo." Abriu os dados outra vez. "Veja isto."

Ampliou a espiral. A estrutura rodou lentamente no ecrã, uma longa hélice com oito poços a espetarem-se dos seus lados como os degraus de uma grande escada.

"Os italianos fizeram duas passagens. Com onze semanas de intervalo. O crescimento que encontraram, onze centímetros, está na volta mais baixa. A parte mais recente. Revi os números. Se o ritmo for constante, é cerca de um centímetro por semana."

"Constante?"

"Como um relógio."

"Um relógio", disse Rui, muito baixinho, "a que ninguém deu corda."

Henrique olhou para ele.

"É essa a parte que não consigo ultrapassar", disse. "Um processo natural seria errático. Uma rocha assenta, uma cavidade desaba, a água encontra caminho, e tudo é ruído. Mas isto é uma linha reta. Alguém, ou alguma coisa, está a acrescentar a esta estrutura a um ritmo constante, no escuro, debaixo do monumento mais famoso da Terra. E as únicas pessoas que parecem sabê-lo estão a ser silenciadas."

Durante algum tempo nenhum dos dois falou. A um canto, uma ventoinha tiquetaqueava, ténue.

"Senhor", disse Rui, por fim. "Trabalho para a sua família há dezanove anos. Vou dizer uma coisa, e depois trago-lhe o almoço."

"Diga."

"O senhor não está a olhar para isto como um homem olha para um quebra-cabeças. Está a olhar como um homem olha para uma porta."

"Tenho só curiosidade."

"Pois", disse Rui com suavidade. "Foi isso que eu disse."

Henrique voltou-se para o ecrã. A espiral rodava, silenciosa e perfeita.

"Há mais uma coisa", disse. Ampliou um dos oito poços. Na sua borda, quase perdido no ruído, um anel de pequenas marcas regulares percorria a circunferência. "Os italianos não repararam. Não estão à procura disso. Mas passei quinze anos em sistemas que dependem de contagem. Cada uma destas marcas é uma unidade. Vêm em grupos. Oito, e um transporte, e oito outra vez."

"Oito outra vez."

"É uma contagem. Alguém, há milhares de anos, manteve uma contagem em base oito. Não sei de quê. Mas sei que as pessoas não contam em segredo a não ser que tenham medo de ser esquecidas."

Fechou o portátil, com muito cuidado, como se ele pudesse partir-se.

"Rui. Reserve-me um voo."

"Para onde?"

"Cairo."

Rui não se mexeu. "Senhor. O planalto está fechado."

"Sim."

"Os cientistas desapareceram."

"Sim."

"A mulher de Zurique..."

"Sim." Henrique levantou-se. Não se endireitava assim havia quatro dias, e a sala inclinou-se um pouco, depois assentou. "Sei tudo isso. Sei exatamente como isto soa. Sou um homem de trinta e oito anos com dinheiro a mais e um pai morto, e estou prestes a perseguir uma história com base em umas imagens de radar." Sorriu, uma coisa pequena e torta. "Mas se ficar aqui, nunca saberei. E acho que não saber talvez seja a única coisa de que tenho verdadeiramente medo."

Rui olhou para ele durante um longo momento. Depois suspirou, o suspiro de um homem a quem entregam uma decisão que tomara semanas antes, e foi buscar os passaportes.

"Dois lugares", disse, do corredor. "Vou para onde o senhor for. Ficou combinado com o seu pai."

"Nunca o soube."

"Era a única condição."

Henrique ficou sozinho no escritório. O sol dera a volta até à janela, e uma faixa de ouro estendia-se sobre a secretária, sobre o portátil fechado, sobre as suas mãos.

O telemóvel vibrou. Um alerta de notícias, de um agregador a que se esquecera de que estava subscrito.

Novas imagens de satélite mostram atividade invulgar em Gizé. Detalhes pouco claros.

Leu-o. Por baixo, uma fotografia anexa, granulada e recortada: o planalto visto de grande altura, três minúsculas pirâmides num mar de areia pálida. Na margem inferior do enquadramento, um aglomerado de veículos. Camiões. Tendas.

E, muito ténue, no centro da imagem, uma linha fina e escura que não existia em nenhuma imagem anterior. Uma linha a correr reta e limpa através da areia.

Ampliou-a até os píxeis se desfazerem em quadrados. A linha era uma vala. Era perfeitamente reta, perfeitamente nova, e apontava diretamente para a base da Grande Pirâmide.

A fotografia fora tirada na véspera.

Ainda a olhava quando o alerta desapareceu do seu ecrã.

Capítulo 4: A Quinta

Foi sozinho para norte, porque há coisas que um homem tem de dizer pessoalmente à avó.

Rui protestara. Rui protestava sempre, e depois cumpria, o que era toda a forma da relação deles. Mas Henrique dissera que o Douro ficava a três horas de Lisboa e que a Dona Leonor veria através de um telefonema como através de uma janela e, assim, na luz cinzenta da manhã seguinte, o sedan preto subiu serpenteando pelo vale em socalcos, passou as vinhas que iam ficando douradas nos seus degraus de pedra, e entrou pelos portões de ferro da Quinta da Meia-Noite.

Pertencia à família havia trezentos anos. Henrique passara ali todos os verões da meninice, e ainda cheirava a esses verões: pedra quente, uva esmagada, fumo de lenha e o ligeiro apodrecer adocicado de uma casa que fora amada demasiado tempo para estar arrumada.

A avó estava no terraço, embrulhada numa manta, numa cadeira de verga mais velha do que ele. Não virou a cabeça quando ele se aproximou.

"Estás magro", disse a Dona Leonor.

"Bom dia, Avó."

"Senta-te. Não mexas no cão, está de mau humor."

Sentou-se. Ela tinha oitenta e quatro anos, pequena, feroz e esculpida em alguma madeira densíssima, com o cabelo branco preso debaixo de um lenço de seda e olhos escuros a que nada escapava. Enterrara um marido, um filho, duas irmãs e uma quantidade de bispos. Dizia que estava apenas à espera de que o resto do mundo a alcançasse.

"O Rui telefonou", disse ela.

"Claro que telefonou."

“Diz que não comeste e que vais para o Egito.” Olhou-o finalmente. “Disse-lhe que isso era improvável. Disse que o meu neto é um homem sensato que nunca fez uma tolice na vida.”

“Esse é o problema, Avó.”

“É?”

“Fui sensato durante trinta e oito anos.” Fitou o vale. O rio jazia lá em baixo, um fio de prata embaciada, e toda a encosta estava iluminada por um sol baixo de outono. “Fiz dinheiro, fiz nome, fiz tudo o que era suposto fazer. E depois o Pai morreu, e eu fiquei sentado naquele apartamento de vidro, e percebi que não me lembrava da última vez que alguma coisa me tinha surpreendido.”

“E agora algo surpreendeu.”

“Sim.”

Contou-lhe. Não tudo; não tinha palavras para tudo. Mas contou-lhe da emissão, e do desaparecimento, e da mulher de Zurique. Contou-lhe da espiral e do seu crescimento lento e constante. Disse-lhe que não sabia o que era, e que mais ninguém parecia disposto a olhar.

Ela ouviu sem interromper, o que lhe mostrou que a levava a sério. Quando ele acabou, ficou calada muito tempo. Uma abelha pairou pelo terraço, incerta da estação.

“O teu avô”, disse ela, “disse-me uma vez que toda a verdade importante do mundo é guardada por alguém muito educado.”

“Avó...”

“Também não acreditei nele.” Puxou a manta para cima. “Vou dizer-te o que penso, e depois não o repetirei. Penso que és um rapaz rico que está sozinho há muito tempo. Penso que encontraste uma porta, que gostarias de a atravessar, e que gostarias que eu te dissesse que é sensato.”

“Gostaria que me dissesse que não é loucura.”

“É loucura.” Sorriu, fino e súbito. “É por isso que gosto.”

Ele riu-se, sem poder evitar. Veio de um sítio fundo que não sabia que existia.

“Não tenho nenhum laço com isto”, disse. “Quero que compreenda. Não tem nada a ver connosco. Não é família, nem história, nem dever. Não tenho razão nenhuma. É só que mais ninguém quer olhar.”

"Então és a pessoa certa."

"Porquê?"

"Porque as pessoas que têm uma razão são as pessoas que mentem." Estendeu-se, com grande esforço, e pôs a mão fria sobre a dele. "Tu só tens curiosidade. É a coisa mais limpa que um homem pode levar a um mistério. Vai. Olha. E se for perigoso, faz o que um Mendonça faz sempre."

"O que é?"

"Sê muito mal-educado com ele", disse a Dona Leonor, "até se ir embora."

A mão dela era leve como uma folha e muito forte.

"Mais uma coisa. Levas o Rui."

"Ele insiste."

"Bom. É a única pessoa em quem confio para te impedir de seres corajoso em sítios estúpidos." Largou-o e deixou-se afundar na cadeira de verga, de repente cansada. "Agora. Come. A Maria fez feijoada e vai chorar se não for acabada."

Comeu a feijoada. Foi a primeira refeição a que sentiu o sabor em uma semana.

Partiu ao anoitecer, com as vinhas a tornarem-se violeta e a grande casa a reluzir dourada atrás de si. No portão parou o carro e olhou para trás, para o terraço, onde uma pequena figura estava sentada muito direita numa cadeira de verga, a vê-lo partir com a paciência de uma mulher que esperara a vida inteira que algo começasse.

O telemóvel tocou quando chegou à estrada principal. Rui.

"Senhor. Tenho os bilhetes. Há um pequeno problema."

"Diga."

"Acabei de falar com um amigo da polícia do aeroporto. O seu nome foi introduzido num sistema às seis desta manhã. Um alerta. Ele não sabe de que tipo. Diz que, quando passar o controlo, vai haver uma conversa."

Henrique agarrou o volante com força.

"Quem o introduziu?"

"Ele não consegue ver. Apenas que não veio de Portugal."

A estrada seguia à sua frente no crepúsculo. No espelho, os grandes portões da Quinta fecharam-se lentamente.

“Rui”, disse. “Reserve o voo na mesma.”

Capítulo 5: Chegadas

A conversa no aeroporto de Lisboa durou onze minutos, e foi o interrogatório mais cortês que Henrique alguma vez suportara.

O agente era jovem, de bigode fino e uniforme impecável, e pediu desculpa três vezes antes de fazer a primeira pergunta. Motivo da viagem? Turismo. Duração da estadia? Em aberto. Visitas anteriores ao Egito? Duas, em negócios. Tinha o senhor alguma ligação a instituições arqueológicas, organismos de investigação ou agências governamentais?

"Nenhuma", disse Henrique.

"E o senhor não transporta nenhum equipamento fora do comum?"

"Um portátil. Um telemóvel. Uma máquina fotográfica." Sorriu. "Um par de sapatos de caminhada muito bom."

O agente escreveu. O ecrã estava virado para o outro lado. Henrique observou os olhos do homem a percorrê-lo e viu, com a parte de si que passara quinze anos a ler rostos do outro lado de mesas de negociação, o momento exato em que o agente recebeu uma instrução que não esperava.

"Obrigado, Senhor Mendonça. Boa viagem."

Carimbou o passaporte. Não levantou os olhos.

"O que disseram?", murmurou Rui, enquanto caminhavam para a porta de embarque.

"Disseram para me deixar passar."

"Isso é bom."

"É o oposto de bom, Rui." Henrique ajustou a alça da mala. "Sinalizaram-me e depois liberaram-me. Alguém queria que eu soubesse que estava a ser vigiado, e depois decidiu que seria mais útil ver para onde vou."

Rui ficou calado durante alguns passos. Depois, sem virar a cabeça, disse: "O homem do casaco cinzento junto à livraria. Estava no balcão do *check-in*."

"Vi-o."

"Não comprou nenhum livro."

Embarcaram. Henrique sentou-se à janela e Rui, que não acreditava em deixar o seu protegido sozinho com uma janela, sentou-se no corredor. O avião levantou de Lisboa para um céu da cor de estanho velho, e a cidade encolheu até uma mancha de luzes alaranjadas ao longo da curva escura da costa.

Não dormiu. Revolveu na mente as marcas da contagem, os oitos e o transporte. A certa altura, sobre o Mediterrâneo, deu por si a contar baixinho.

O Cairo, à uma da manhã, atingiu-o como uma mão: calor, gasóleo, jasmim, mil buzinas, o grande rugido macio de uma cidade que nunca aprendeu a ser silenciosa. Parou no passeio fora do terminal e respirou-o. A camisa colava-se-lhe às costas. Para lá do trânsito, por cima dos telhados, o céu brilhava alaranjado.

"Mr. Mendonça?"

Um homem materializara-se junto ao seu cotovelo. Tinha uns cinquenta anos, era magro e rápido, de camisa branca engomada e um par de sapatos baratos, perfeitamente engraxados. Tinha um bigode como um sinal de pontuação e os olhos alegres e calculistas de um homem que nunca se surpreendera com coisa alguma.

"Sou o Yusuf. Yusuf Barakat. Fui enviado pelo Hotel Nile Pavilion para receber o seu distinto hóspede." Inclinou-se, um preciso quarto de polegada. "Tudo o que precisar no Cairo, verá que já está à sua espera."

"Não pedi um guia ao hotel."

"O hotel não pede. O hotel *antecipa*." Sorriu. "Além disso, há uma pequena questão de um Peugeot cinzento sem identificação que o seguiu desde o aeroporto e estacionou atrás do meu carro. Seria má educação deixá-lo à espera."

Rui ficara muito quieto. Henrique levantou uma mão.

"Trabalha para o hotel?"

"Trabalho para quem paga", disse Yusuf com franqueza, "e o hotel paga às quintas-feiras. Para si, talvez se aplique uma tarifa melhor." Abriu a porta de trás de um Mercedes amolgado. "Por favor. É uma viagem longa, e eu conheço o caminho de trás."

"Que caminho de trás?"

"Para Gizé", disse Yusuf. "Para onde vai. Para onde toda a gente vai, este mês. Tem sido um mês *muito* interessante."

Henrique olhou para Rui. Rui olhou para o Peugeot. Ao volante, atrás do vidro escuro, um rosto virou-se muito ligeiramente para o lado.

Entrou.

Atravessaram o Cairo durante quarenta minutos por ruas que não constavam de nenhum mapa que Henrique conhecesse: ao longo de margens de canais, por baixo de viadutos, junto às janelas iluminadas de cafés onde velhos jogavam gamão às duas da manhã. Yusuf falou o caminho todo. O planalto, dizia, estava selado. Polícia em todas as estradas, camiões do exército nos portões. Muita gente que não era turista chegara ao Cairo naquela semana: europeus de bons fatos, americanos de cabelo curto, dois russos que ficavam no Marriott e não comiam nada.

"Estão todos a perguntar pela mesma coisa", disse Yusuf. "E ninguém diz o que é."

"O que acha que é?"

"Acho", disse Yusuf, "que sou um homem pobre com uma família grande, e que um homem esperto não adivinha. Espera que lho diga alguém que paga." Olhou pelo espelho. "O senhor paga, Mr. Mendonça?"

"Sim."

"Então serei o seu guia, o seu motorista, os seus olhos e o seu amigo. Verá que sou muito bom nos quatro."

"E o seu preço?"

"Discutiremos isso", disse Yusuf, "quando já não estiver a ser seguido."

O hotel era um edifício branco e cansado à beira do Nilo, com um átrio de mármore rachado e um porteiro da noite a dormir atrás do balcão. O quarto de Henrique dava para a água. Ficou à janela enquanto Rui verificava as fechaduras e o armário e, depois, com grande cerimónia, a banheira.

"Limpo", disse Rui.

"Obrigado."

"Não gosto do Yusuf."

"Eu sei."

"É exatamente o tipo de homem que vende tudo a toda a gente." Rui franziu o sobrolho. "Mas precisamos dele."

"Sim." Henrique afastou a cortina. Do outro lado do rio escuro, muito ao longe, um clarão pálido estendia-se ao longo do horizonte ocidental: as luzes do planalto, os grandes ombros iluminados das pirâmides a erguerem-se da bruma.

Olhou para aquilo durante muito tempo.

Na rua lá em baixo, o Peugeot cinzento estacionara debaixo de um candeeiro. Um homem saiu e acendeu um cigarro. Olhou para cima, diretamente para a janela de Henrique, e levou dois dedos à fronte num pequeno cumprimento trocista.

Depois voltou a entrar no carro e, com perfeita calma, apagou-lhe as luzes.

Capítulo 6: A Sala que Não Consta da Planta

Cidade do Vaticano, 4h15.

O cardeal Matteo Ferrante já não dormia muito. Aos setenta anos, fizera uma paz privada com a insónia, como com a artrite e o lento esmorecer das velhas amizades: não uma vitória, mas um acordo. Levantava-se antes dos sinos, rezava o seu ofício na meia-luz fria do apartamento no Palácio Apostólico, e caminhava.

Caminhava muito. Através do Cortile, por uma escada traseira, ao longo de um corredor que cheirava a cera de soalho e papel antigo. Passava pelos gabinetes da Congregação disto e do Dicastério daquilo. Passava por uma porta marcada apenas com um número. No fim de tudo, onde o corredor parecia estreitar-se, havia um painel de carvalho liso, sem qualquer sinal.

Tirou de debaixo da batina uma pequena chave de ferro e abriu-o.

A sala do outro lado não constava de nenhuma planta do Vaticano. Fora omitida de todos os levantamentos desde 1721, por uma série de arquitetos a quem fora dada uma instrução privada e que a tinham obedecido sem perguntar porquê. Tinha talvez dez metros quadrados, sem janelas, forrada do chão ao teto de armários de aço cinzento. O ar era frio e seco como o interior de uma pedra.

No centro, sob um único candeeiro, um homem de fato preto simples esperava sentado.

Levantou-se. Tinha cinquenta anos, era calvo, com as mãos macias de um padre e os olhos agudos de um analista. O nome na porta que nunca usava era *Monsenhor Paolo Rinaldi, Secretário.*

"Eminência."